



O CORAÇÃO PRECISA SER PEGO DE SURPRESA PARA SER INCRIMINADO: O EROTISMO E A PORNOGRAFIA NA ESCRITA DE NATALIA POLESSO

Mariana Mota Lopes

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: O que separa os conceitos de erotismo e pornografia é algo tão indefinível e tão tênue quanto o que delimita o que é arte. Para o senso comum, a ideia de que o texto erótico tem maior preocupação com a forma e a linguagem utilizada é mais difundida; pensa-se que, ao contrário dos textos pornográficos, a preocupação e o objetivo maior do texto não seriam apenas a excitação do leitor, mas também a criação artística e a expressão literária. Mas existem textos que, mesmo possuindo muitas das características comumente atribuídas a textos pornográficos, são tidos como eróticos. O contrário também pode ser observado. É nesse ponto que começa nossa análise. O que, então, determina quais textos recebem qual rótulo, ou melhor: quem determina. A partir da análise do conto de Natalia Borges Polesso, *O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado*, e das teses acerca do que seria erotismo e pornografia e o que os diferencia, buscamos chegar à conclusão de que, na verdade, o que diferencia os dois tipos de texto não são suas características, mas sim o leitor que, a partir de seus ideais e experiências determinará, para si, se o que lê é erótico ou pornográfico.

Palavras-chave: Pornografia; Erotismo; Literatura; Natalia Polesso.

Abstract: What separates the concepts of eroticism and pornography is something as undefinable and as tenuous as what delimits what is art. In common sense, the idea that the erotic text has a greater concern with the form and language used is more widespread; it is thought that, unlike pornographic texts, the greater concern and goal of the text would not only be the excitement of the reader, but also artistic creation and literary expression. But there are texts that, even possessing many of the characteristics commonly attributed to pornographic texts, are regarded as erotic. The opposite can also be observed. It is at this point that our analysis begins. What, then, determines which texts receive which label. In fact: who determines. Based on the analysis of the short story of Natalia Borges Polesso "O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado", and the thesis about what would be erotic and pornographic, and what sets them apart, we came to the conclusion that, in fact, the difference between the two types of text that are not in their features, but for the reader, who, from their ideas and experiences, will determine for themselves if what they read is erotic or pornographic.

Keywords: pornography; eroticism; literature; Natalia Polesso.

Introdução

A linha que separa erotismo de pornografia é uma linha muito tênue e muito difícil de se traçar. Alguns textos, quando analisados sob perspectivas diferentes, podem receber, por um lado, o título de eróticos, mas, por outro, acabam sendo tidos como pornográficos. Isso acontece porque os estudos sobre esse tipo de texto são bastante escassos, por ser um tema pouco questionado e muito repudiado, uma vez que se trata de narrativas sobre um dos maiores tabus ocidentais: o sexo.

Para o senso comum, algumas características podem determinar se um texto pertence a algum dos grupos, dentre outras, costumamos caracterizar erotismo a partir da relação entre sexo e amor, e pornografia como a escrita sobre o sexo com o objetivo do comércio.

Mas existem textos que, mesmo possuindo muitas das características comumente atribuídas a textos pornográficos, são tidos como eróticos. O contrário também pode ser observado, embora muito menos recorrentemente. Isso ocorre porque o termo pornografia, histórica e socialmente, carrega um “peso” maior, por isso tende a ser associado a textos cuja descrição é mais detalhada e explícita e quando quem lê não “concorda” com o que está sendo lido, geralmente por ser narrada uma modalidade de prática sexual que considera desnecessária, ou errada. É por meio dessa observação que surge a presente análise.

A partir da análise do conto da escritora brasileira contemporânea, Natalia Borges Polesso, *O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado*, do livro *Amora* e das teses de teóricos, como Susan Sontag, Lucia Castello Branco e Regina Dalcastagnè — entre outros — acerca do que seria erotismo e pornografia e o que os diferencia, buscamos chegar à conclusão possível de que, na verdade, o que diferencia os dois tipos de texto não são suas características, mas sim o leitor que, a partir de seus ideais, experiências e acesso precedentes à leitura da obra, determinará, para si, se o que lê é erótico ou pornográfico.

A linha tênue entre erotismo e pornografia

O sexo sempre fez parte da vida e existência na Terra, mesmo por ser necessário para a reprodução natural da maioria das espécies. Mas, para os humanos, este, por gerar prazer, também constitui um papel importante e parte do cotidiano nas sociedades. Foi após o

Iluminismo, que se reservou o sexo apenas à esfera privada, que a noção que temos hoje do sexo como tabu criou raízes nas sociedades ocidentais.

Para a Igreja Católica tradicional, o sexo teria a única finalidade de procriar, sendo caracterizados como pecados, para esta religião, o sexo antes do casamento e a luxúria. Dessa forma, a sexualidade, na cultura ocidental, após o Iluminismo e a ascensão do catolicismo, sempre foi um tópico de discussão bastante polêmico, ao redor do qual se criaram muitos tabus. O sexo com o objetivo de prazer e/ou praticado fora do casamento é, ainda, em muitas sociedades contemporâneas¹, considerado crime.

A pornografia² surgiu a partir da escrita de narrativas da prostituição/venda do sexo e tinham o objetivo de excitar o leitor e motivavam o sexo pelo prazer. Dessa forma, construiu-se uma série de estigmas ao redor do termo e de sua reprodução. A escrita pornográfica, tem relação direta com o sexo ocasional, a prostituição, o prazer e a excitação, por isso constitui um gênero historicamente perseguido.

Enquanto a pornografia “chega” aos dias de hoje sob uma perspectiva de perseguição religiosa ocidental, o erotismo surge a partir da cultuação de Eros, deus grego do amor e do desejo sexual na cultura da Grécia antiga, que era tipicamente politeísta e caracteristicamente oriental.

O mito grego nos diz que Eros é o deus do amor, que aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas. As sugestões de movimento e de união, já presentes no mito, vão se repetir na fala dos poetas, dos místicos, dos sexólogos. A ideia de união não se restringe aqui apenas à noção corriqueira de união sexual ou amorosa, que se efetua entre dois seres, mas se estende à ideia de conexão, implícita na palavra *religare* (da qual se deriva *religião*) e que atinge outras esferas: a conexão (ou re-união) com a origem da vida (e com o fim, a morte), a conexão com o cosmo (ou com Deus, para os religiosos), que produziriam sensações fulgurantes, mas intensas, de completude e de totalidade. (BRANCO, 1984. p.9)

É a partir dessa ideia que se articula e desenvolve o erotismo: a ideia do impulso erótico como busca de conexão e “re-união”, com a ânsia de fusão, de totalidade. Um exemplo de processo quase semelhante é a arte, que, da mesma forma, se realiza em forma de “impulso em direção à totalidade do ser”. Embora a arte se apresente de forma mais poderosa

¹ não necessariamente católicas, ou ocidentais

² Susan Sontag, em *A imaginação pornográfica* (1967), inicia a discussão sobre pornografia introduzindo a ideia da existência de três tipos de pornografia: a pornografia como um item na história social, a pornografia como fenômeno psicológico¹ e o terceiro tipo, do qual pretendo tratar neste ensaio: a pornografia enquanto gênero literário. Essa delimitação se fez necessária neste por conta do grande tabu que, não só o termo pornografia carrega consigo, mas também todos os assuntos e termos associados à sexualidade humana.

e menos facilmente manipulável que o impulso erótico, ambos representam uma grande ameaça à ordem social.

Dessa ideia, partimos em direção a uma noção menos abstrata que explicaria o motivo de o fenômeno do erotismo estar tão distante e, ainda assim, tão próximo da pornografia, tanto na noção popular, quanto nos estudos acadêmicos mais desenvolvidos.

A pornografia, por sugerir uma alusão ao pecado, gerou essa noção popular de uma escrita pornográfica despreocupada com a forma, com a linguagem, com os personagens e até mesmo com a literatura e seu propósito. Assim, costumamos chamar de pornográficas aquelas obras que retratam o sexo de forma explícita, sem uma prévia ou póstuma contextualização, ambientação, ou caracterização dos cenários ou das personagens. Uma escrita em que sexo é tratado independentemente do afeto entre os que o praticam e na qual não há preocupação explícita com nada além da excitação do leitor.

Embora o erotismo e a pornografia se construam ao redor do mesmo tema: o ato sexual como busca pela completude e reunião de dois que se amam, o primeiro é tido como um gênero literário muito mais “válido” e respeitoso e associado a uma escrita que trata do sexo de forma menos explícita, poética e metafórica, preocupada com a forma, utilizando uma linguagem mais lírica e cuidadosa. É muito comum a defesa de que o sexo erótico envolve afeto e paixão entre os praticantes e que esse tipo de texto demonstra maior preocupação com a ambientação de suas histórias e com a caracterização de seus personagens, por isso mais digno de defesa, uma vez que é mais aceita a ideia do sexo quando justificado pelo amor.

Muitos, conforme apontado por Susan Sontag (1967), acreditam que o erotismo pode ser rotulado como alta literatura e a pornografia, não. O que é desenvolvida em seu escrito é a reconstrução dessa ideia a partir da análise de alguns textos que, ao longo da história foram tidos, algumas vezes como clássicos eróticos, mas, em outros tempos, como textos pornográficos muitas vezes censurados e proibidos em determinados lugares.

O objetivo da autora com seu texto é mostrar que pornografia, enquanto gênero literário, pode, sim, ser considerada, a depender da obra e de suas particularidades, alta literatura. O olhar do leitor pode ser desviado por seus ideais e outras leituras, mas, se encarassem essa pornografia “[...] com mais simpatia, curiosidade intelectual ou sofisticação estética” (SONTAG, 1967, p.32) capturariam a essência literária existente nela.

A perspectiva de Susan Sontag (1967) pode servir de apoio argumentativo para o que queremos concluir com essa pesquisa. Algumas visões colocariam os textos eróticos mais próximos da ideia comum de literatura do que a pornografia, classificando a última como uma não-literatura pelos mesmos fatores que a diferenciariam de erotismo nesse pensamento. Assim como Sontag mostra que o mesmo texto pode ser classificado, se por diferentes perspectivas, como literatura para alguns e não o ser para outros; um mesmo texto pode ser tido como erótico para alguns e como pornográfico para outros.

“Uma coisa é certa: seja pornografia ou erotismo, a característica essencial deste discurso é a sexualidade” (MORAES; LAPEIZ. 1984. P.8), que, como tudo o que trata ou se desenvolve sobre esse tema, nessa sociedade, é rondado por tabus, preocupações, proibições e polêmicas.

O que se torna confuso, se pararmos para refletir e aplicar essas definições comuns para textos eróticos e pornográficos, é que alguns textos, mesmo que caracterizados por grande parte dos aspectos tipicamente relacionados a algum dos “rótulos”, muitas vezes costumam receber o título do outro.

Grandes exemplos são os livros do mais famoso escritor “libertino”, Marquês de Sade, cuja vasta obra, por produzir as mais diversificadas narrativas sexuais detalhadamente descritas, à sua época foram duramente perseguidas e taxadas como pornografia, embora muito lidas, mas que, hoje em dia, por conta de tamanho legado deixados pelo escritor e filósofo, é comumente rotulada como erótica.

O que busco exemplificar é que algumas características comumente atribuídas a uma ou outra definição, muitas vezes, estão presentes em comum em textos diferentemente rotulados.

Mas como explicar tamanha expressividade artística presente nas grandes obras “libertinas” da grande escritora Cassandra Rios, por exemplo? Caracterizadas inegavelmente como pornografia e capazes de excitar até o mais ingênuo dos leitores; e profundamente imbuídas em caracteres expressamente artísticos, ou literários.

E como se esquivar de obras reconhecidas como eróticas, como as de Hilda Hilst. Que, supostamente, deveriam caracterizar-se a partir de uma escrita preocupada com a liricidade, a caracterização de suas personagens e a expressividade amorosa entre as mesmas, mas que terminam por narrar de forma explícita o sexo, poucas vezes preocupada com o amor entre as personagens, e que, às vezes mais do que algumas pornografias, finalizam por excitar o leitor, caracterizando uma dos maiores fontes de comércio literário?

Essas obras, pela dualidade de características, recebem frequentemente, a depender de quem as lê, rótulos diferentes a cada leitura. Isso se deve ao fato de, além de tratarem de um assunto historicamente “proibido”, sendo possivelmente o maior tabu da humanidade (concorrendo com a indescritível morte), muitas vezes tratam desse assunto de forma a desafiar as grandes regras sociais.

O escritor francês *Alain Robbe-Grillet*, ao dizer que “pornografia é o erotismo do outro” (MORAES; LAPEIZ, 1985, p.8), buscava eliminar as barreiras imaginárias, compostas por fenômenos sociais tipicamente ocidentais, que os dois tipos de rotulações podem definir um mesmo texto, o que depende apenas da perspectiva. A depender das noções e ideais de quem lê, um texto pode ser um ou outro, e, ainda, esse rótulo depende diretamente da noção desse interlocutor acerca das definições de erotismo ou pornografia, o que costuma ser pautado na perspectiva do senso comum.

Dessa forma, quando uma pessoa caracteriza um texto como erótico, geralmente está buscando “eximir” o texto do rótulo dotado de negatividade: pornografia. Ou seja, a pessoa concorda com o tipo de ideal apresentado e, mais do que isso, busca justificar a sua leitura através de uma rotulação “suavizada”. Seria como se utilizássemos o rótulo ‘erotismo’ como uma espécie de eufemismo para pornografia.

O rótulo erótico é buscado com o objetivo de, muitas vezes livrar o leitor do julgamento que supostamente existiria se assumido leitor de pornografia, que, presumivelmente seria comumente caracterizado como uma espécie de “patologia” ou até crime; mesmo pensando-se na perspectiva do sexo como intrínseco ao cotidiano social.

A leitura pertence apenas ao leitor e sua perspectiva. Dessa forma, a perspectiva de um interlocutor sobre uma obra lida pode ser diferente da ideia do próprio autor ao escrevê-lo. Assim, a leitura e a interpretação de um texto são resultados de um conjunto de pressuposições do leitor, incluindo seus ideais, experiências e acesso à informação, cultura, educação formal e também de suas práticas cotidianas.

A depender dessas construções preestabelecidas pelos leitores, sua leitura de uma obra pode determinar a forma com que o mesmo lida com os assuntos tratados, a perspectiva da narrativa e ideias das personagens. É a partir de seus ideais, que o leitor vai construir sua opinião sobre um escrito. Se compactua ou não com as situações apresentadas ou com as opiniões das personagens, se acredita no que lê e, mais do que isso, se se identifica e se apropria da perspectiva apresentada.

No caso de textos eróticos, ou pornográficos, os ideais do leitor são especialmente relevantes para sua leitura e opinião sobre a obra. A sua interpretação é essencialmente delicada por tratar de um assunto universalmente polêmico e controverso; por afetar diretamente todos os seres humanos de alguma forma e, mais ainda, por se tratar de uma temática tão estigmatizada e, por isso, pouco debatida.

O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado

Em *O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado*, conto da escritora brasileira contemporânea Natália Borges Polezzo, é narrada uma relação sexual entre duas mulheres. O conto é narrado a partir da perspectiva de Wolff, uma garota, lésbica, estudante universitária e que sofre de uma síndrome cardíaca não identificada.

A narrativa acontece no espaço-temporal de um dia. Wolff narra a história de como conheceu Martinha. As duas estudam juntas e ainda não se conhecem muito, embora Martinha, por pura curiosidade, decide que sua primeira relação sexual com outra mulher seria com Wolff.

Tudo acontece em um dia em que a protagonista, e narradora, passa mal na sala de aula, por conta da sua síndrome cardíaca, e Martinha é convocada pela professora para acompanhá-la até o hospital universitário. Tudo o que se desenrola a partir desse momento, desde a ida ao hospital, até a decisão de irem confraternizar em uma festa universitária, leva ao trecho que dá luz à nossa análise: a relação sexual entre as garotas.

A cena é narrada em primeira pessoa, assim como todo o conto, e compõe quase que toda a narrativa. O que chama a atenção é que, como é características dos contos, a narração não se atém aos detalhes ou minuciosas descrições, com exceção da referida cena. Nem as personagens e suas características — incluindo a não mais que mencionada ‘síndrome cardíaca’ da protagonista —, tampouco o espaço onde a cena ocorre — uma cabine de banheiro —, ou mesmo o desenrolar dos acontecimentos prévios à transa, são mais do que minimamente descritos.

A narração específica do momento íntimo entre as personagens é mais detalhadamente descrita e minuciosa nos detalhes. As ações realizadas pelas personagens, no ato sexual, são narradas de forma explícita e detalhada a partir de uma linguagem lírica e poética.

O sexo, naquele conto (e em outros), é um modo de fazer o corpo acontecer, vencer o medo, vencer a morte também. Martinha e sua boca, e os dedos avançando para a umidade confusa de Wolff, esperando o coração deixar de

querer morrer. A vida renasce através do corpo e do afeto, desajeitados num banheiro apertado. O corpo sorri para expulsar a morte e as lembranças do hospital, com os dedos no corpo de Martinha e a língua provando o êxtase e o sorriso da mulher, Wolff sabe que não vai morrer naquele dia. (NETO, 2018)

Essa característica é bastante interessante para a presente análise, uma vez que é essa cena em específico que dá sentido à teoria. No conto, nada mais importa, se não a relação — exclusivamente — sexual entre as personagens. Esse é o foco, tanto da nossa proposta, quanto da autora. É essa quase excessivamente detalhação dos fatos, que tem o poder de diminuir o ritmo da história e da leitura — e de aumentar a velocidade dos batimentos cardíacos de quem lê — que torna o conto tão singular e tão bem contextualizado na presente análise.

O conto, por tratar de uma cena de sexo entre duas mulheres, descreve ações particulares a um determinado grupo, dessa forma, atinge, geralmente, positivamente um ciclo limitado de pessoas (mulheres que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres), o que reduz muito os tipos de pessoa que têm acesso, ou mesmo que buscam esse tipo de leitura, reservando mais ainda o ciclo de pessoas que compactuam com essa temática.

Eu tirei aquele sorriso dela com a minha boca, respirando um pouco da vida que estava alí na minha cara, virei a Martinha para a porta e senti suas costas suadas no meu peito. Puxei a calcinha dela para o lado e deslizei meus dedos para dentro dela. Um devagar, depois o outro com mais força. Ela jogou a cabeça para trás e gemeu alto. [...]. (POLESSO, 2015, p. 166)

O conto de Polesso contém características comumente relacionadas ao título “pornografia”, como a narrativa pouco preocupada com os aspectos descritivos, narrado de forma detalhada e sem metáforas, despido de afeto entre as personagens, ambas mulheres — o que já traduz uma ideia tipicamente relacionada ao pecado —, abordado como uma primeira experiência homossexual de uma das personagens.

Entretanto, nota-se uma série de características que sugerem essa dualidade de rótulos.

A homossexualidade, principalmente feminina, ainda é tida como imoral, pecaminosa, quando não inexistente, objetificada ou fetichizada. Costuma-se, no entanto, associar a relação entre duas mulheres a um relacionamento afetivo, delicado, “feminino”, despido de sexo, paixão ou quaisquer características comuns a todo casal que envolvam mais do que carinho, muito disso por conta de o sexo ainda ser relacionado com a penetração, e não necessariamente com uma relação prazerosa e íntima entre indivíduos, também porque o sexo homossexual não “justifica-se” por fins reprodutivos.

Muitas vezes, o relacionamento sáfico é tido como algo provisório, enquanto uma, ou as duas partes do casal (ainda) não encontrou sua “cara metade” masculina que irá,

supostamente, libertar a mulher ingênua e corrompida do pecado essencialmente feminino e potencializado pela relação com outra mulher.

[...] a imagem da mulher será muitas vezes associada ao mal, ao pecado e à sujeira, primeiro pela fragilidade de sua própria estrutura física e depois pelos preconceitos e crenças mantidas pelo sexo masculino e pela própria sexualidade. (CARVALHO, 2008, P. 16)

Quando uma mulher se relaciona com outra mulher, então, essa relação caracteriza-se como um pecado duplo, sujo e maldoso, por isso seu sexo também é tido como errado, ruim ou inexistente. Assim, a relação sexual entre duas mulheres, também por ser um dos maiores fetiches apontados por muitos homens, quando narrada, é geralmente tida como pornografia.

Dessa forma, é pelo menos interessante que o conto de Natalia Polesso seja visto como erótico, mesmo sendo caracterizado por tantos atributos típicos da rotulação do senso comum de pornografia. Interpreto essa rotulação a partir de um raciocínio típico das críticas literárias.

Natalia Borges Polesso é doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, uma escritora letrada e consciente de sua escrita e seus efeitos. Seu livro foi vencedor do Prêmio Jabuti, de contos, em 2016. Sua escrita é notoriamente cuidadosa, caracterizada pela preocupação com a forma, linguagem poética/lírica, uso de figuras de linguagem como metáforas e eufemismos, além disso, seus escritos têm embasamento teórico e justificativas políticas: características tipicamente agraciadas pela crítica literária e academia.

Livros como esse, são tidos como obras artísticas e suas características vistas como negativas são como que “redimidas”, de forma que tudo aquilo que for visto como “ruim”, como o sexo explícito, a “depravação”, a homossexualidade ou quaisquer ideias que, de alguma forma negativa, afetam e ameaçam as estruturas sociais são “ignoradas” em nome da arte.

O público-alvo de Borges Polesso são as mulheres lésbicas e, de fato, é a quem o livro chega geralmente. Essas mulheres, em massa, por se identificarem com os contos, compartilharem muitas das experiências narradas, compactuarem com as personagens, se sentirem representadas pelas histórias, costumam, de acordo com a noção comum de erotismo e pornografia, rotular o conto enquanto o primeiro.

Por outro lado, algum outro tipo de interlocutor que não se identifica, tampouco aprove as práticas narradas pela personagem, geralmente consideraria a narrativa despudorada, vulgar e desnecessária e, por isso a caracterizaria como pornográfica.

Retomando a ideia de Alain Robbe-Grillet, sobre a pornografia ser o erótico do outro, e ainda a visão da própria escritora Hilda Hilst (2013):

[...] os escritores, em geral, acham que é uma questão do próprio olhar [...] Então é o seu olhar que vai discriminar o que é realmente pornô. Ele é que vai induzir você a ter uma situação excitante ou não.” (HILST, 2013, p.144)

É justamente o olhar que caracterizaria se um texto é pornográfico ou erótico, por não haver mesmo uma diferença delimitada entre os termos.

Amora enquanto grito de resistência

A autora do conto, Natalia Borges Polesso, assim como sua personagem principal, no conto e na maioria, senão todas, de suas histórias, se identifica como lésbica. Por isso busca escrever para esse público, mas não só, de forma a reivindicar um espaço na literatura contemporânea para esse tipo de texto e, mais ainda, lutar por maior visibilidade para as mulheres lésbicas.

Polesso possui dois livros de ficção publicados, ambos com a proposta de maior visibilidade às mulheres lésbicas e suas múltiplas narrativas, que fogem dos estereótipos que as sociedades às impõe — *Recortes Para Álbum de Fotografia Sem Gente*, publicado em 2013, composto por contos bastante enigmáticos e poéticos; e *Amora*, também de contos, publicado em 2015, de onde o conto de análise no presente texto foi “retirado”.

Em *Amora*, Natalia Polesso publicou uma série de 33 contos, divididos entre “Grandes e Sumarentas” e “Pequenas e ácidas”. Os títulos, em feminino não concordam com a palavra *contos*, mas com o título *Amora*, que se refere, suponho, à palavra amor, mas com um “giro de linguagem”, propondo amores femininos, que é, basicamente a essência dos contos do livro; mas que também se refere à fruta amora, o que justifica e contextualiza os títulos das subdivisões do livro.

Amora é, em suma (ou sumo), uma antologia de contos com a proposta de abordar a singularidade, subjetividade e multiplicidade das possíveis narrativas de mulheres e amores lésbicos. Natalia propôs-se a debater com a visão tipicamente cultural sobre a lesbianidade, cercada por estereótipos, fetichização e silêncio.

No livro *Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado*, Regina Dalcastagnè, pesquisadora em Literatura Brasileira Contemporânea pela Universidade de Brasília, destaca:

Cerca de 72,7% dos romances brasileiros contemporâneos publicados por três grandes editoras (Companhia das Letras, Rocco e Record), entre 1990 e 2004, são de autoria de homens, em sua maioria brancos, nos quais a presença de personagens (homens ou mulheres) homossexuais é de apenas

3,9% (sendo que dentre estes, 79,2% são homens). (DALCASTAGNÈ, 2012)

Dessa forma, destaca-se a importância de ideias e propostas como a de Natalia Polesso, que, enquanto lésbica, busca publicar textos a partir de sua perspectiva pessoal de forma a reivindicar seu espaço, sua voz e seu local de fala. Mais do que isso, a autora se dedica a dar voz às narrativas diversas sobre a lesbianidade, desde relacionamentos até a solidão e o sofrimento da mulher lésbica em uma sociedade que não a tem como plural, tampouco como sujeita de seu próprio destino e escolhas.

Por muito tempo, e restam resquícios dessa noção até hoje, as mídias se preocupavam em não mostrar quaisquer narrativas que dessem abertura para uma interpretação de que a vida enquanto homossexual fosse passível da possibilidade do tão sonhado “final feliz”. Tanto filmes, quanto livros, textos, expressões artísticas e informativas, em geral, se ocupavam em, caso abordassem a questão da homossexualidade, causar uma má impressão sobre essa “prática”, como se não fossem dignas de sucesso aos “praticantes” ou, mais ainda, como se deveriam ser penalizadas com a morte, sofrimento eterno, violência ou reclusão.

Felizmente, a partir dos anos 90, começaram a surgir produtos de um esforço maior por parte da mídia para contribuir para a construção de uma imagem positiva das minorias sexuais e que possibilitam a ideia de um possível relacionamento feliz e uma vida plena. A criação do ‘selo’ Edições GLS, ligado à editora Summus, com a intenção de publicar apenas livros que motivassem uma visão positiva da homossexualidade e dos relacionamentos homossexuais; e da Editora Brejeira Malagueta, criada em 2008, cuja ideia era, segundo suas criadoras, conforme disponível na página online da editora, “dar voz às lésbicas, que em geral não encontravam muitas editoras interessadas em publicar obras com esta temática específica.” (site Brejeira Malagueta) são exemplos.

O livro de Natalia Polesso, *Amora*, não se dedica exclusivamente à narrativas eróticas/pornográficas entre mulheres, mas à construção de uma imagem positiva, múltipla e plural da homossexualidades feminina. Em seus contos, busca retratar mulheres jovens; de idade; entendidas e resolvidas com suas sexualidades, ou não; mulheres em busca de um amor; desiludidas; decepcionadas; traídas; apaixonadas; felizes, em relacionamentos ou não, entre outras propostas.

Natalia busca mostrar que, ao contrário do que pensa o senso comum, as narrativas lésbicas não se limitam a relacionamentos exclusivamente emocionais, e não sexuais, ou à

mulheres depravadas ou carentes; tampouco à mulheres decepcionadas com relacionamentos heterossexuais ou que não encontraram o “homem perfeito” ainda. Muito pelo contrário, as protagonistas de *Amora*, são muito mais plurais e muito mais “comuns” que isso. Elas vivem sua sexualidade como qualquer personagem heterossexual vive. Suas vidas são muito mais expressivas, múltiplas e diversificadas do que limitadas a algum estereótipo colocado pela sociedade.

A perspectiva de Natalia, e de tantas outras mulheres lésbicas e escritoras contemporâneas, busca uma ideia que vai de encontro com a chamada ‘História única’, teoria apresentada por *Chimamanda Adichie*, em sua palestra para o *TEDx*, “*O perigo de uma história única*”.

Adichie explica que muitas vezes, temos histórias únicas sobre as coisas, ou seja, conseguimos enxergar apenas sob uma perspectiva determinadas ideias. Dessa forma, a visão da homossexualidade feminina, a partir da história única comum entre o senso comum das sociedades, é tida e forma negativa e unilateral. A perspectiva de escritoras como Polesso consiste em, justamente, contestar, discutir e provar que existem muito mais que apenas uma única história das mulheres lésbicas.

Pensar *Amora* como uma construção estética com recursos técnicos elaborados e maduros de uma boa literatura de ficção capaz de apresentar um discurso de desejos marcados pelo desejo gay/lésbico/homoafetivo como “mecanismo de visibilização” (expressão de Wilton Garcia sobre cultura e homoerotismo) é, sim, um modo de fazer a mulher lésbica dizer/expor, aparecer, e assim ser viva, errante, angustiada, tensa, dolorida, vermelha, púrpura, resignada, negra, medrosa, patética, madura, capaz, absurda, estranha, potente, ilimitada, desejada, resistente, pacífica, bélica, selvagem, domesticada, explosiva, livre, pessoa, humana, e caminho. (NETO, 2018)

Conclusão

Nesse sentido, erotismo e pornografia, apesar dos esforços do senso comum e de diversos teóricos que com o senso concordam, não se diferenciam, necessariamente, de forma expressa a partir das já apresentadas caracterizações de um e de outro, mas que se separam por uma linha tão tênue quanto é a que separa o que é literatura e o que não o é, ou a noção de arte.

Uma vez que um mesmo texto pode ser tido como erótico para uns e pornográfico³ para outros, conforme demonstrado na análise do conto, a depender de quem o lê e de seus

³ Reitero, que a pornografia que, tanto eu quanto Susan Sontag defendemos como literatura e como gênero textual, não se trata do pornografia psicológica, ou do fenômeno social, vinculados, geralmente através de vídeos e filmes, mas não só, com características bastante problemáticas, como a objetificação da mulher, o machismo, a

pré-conceitos e ideais, torna-se interessante a perspectiva do filósofo Alain Robbe e de Hilda Hilst, que, entre outros escritores, teóricos e consumidores desse gênero, afirmam que a visão do leitor é que caracteriza a leitura.

Nesse sentido, penso que a pornografia, de fato, é o erótico do outro. Do outro que não consideramos como igual, do outro que temos como mau, a pornografia é o erótico do mal-visto. O senso comum mostra isso quando constrói sua noção apoiado na ideia de pornografia como o sujo, errado ou sem valor.

Ou, conforme defende o sociólogo da PUC-SP, Jorge Leite, “pornografia é também o nome dado ao erotismo dos “pobres”: pobres “de espírito”, de cultura ou de dinheiro.” (2007, p.7), no sentido de que a pornografia vem apenas do sujo, do menor. A pornografia é analisada de cima para baixo, sob uma narrativa única. A alta sociedade não consome esse tipo de ideia, tampouco a produz. Parte da ideia de que arte só surge da alta sociedade.

Acrescento ainda à visão de Jorge: mais do que o sexo dos pobres, a pornografia é o sexo de todas as minorias, é o sexo periférico; é, necessariamente o sexo do outro, que não eu. Uma vez que nós, humanos, não temos o costume de admitir nossas práticas que consideramos feias, erradas ou sujas e buscamos sempre justificá-las.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi (2010) **The danger of a single story**. Ted Talk. Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Acesso em: 30 de maio de 2019.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo?** São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Renata Augusto de. **Conceitos: O erotismo, a pornografia e o obsceno**. São Paulo, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo. Siciliano, 1993.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte. Brasília, 2012.

DINIZ, Cristiano. **Fico besta quando me entendem - Entrevistas com Hilda Hilst**. Biblioteca Azul, 2013.

misoginia, violências sexuais, verbais e físicas múltiplas e uma série de características que apenas reforçam uma estrutura social tipicamente ocidental sobre sexo, relações, gênero e política. Esse tipo de pornografia, necessariamente implica uma compactuação política de ideais do leitor, o que pode ser encarado como algum tipo de patologia psicológica, como a pedofilia o é.

LEITE, Jorge. **“Porno Cassetadas: riso, sexo e diversão como estruturadores da pornografia**. Minas Gerais, 2007.

MORAES, Eliane Robert. **A pornografia: Palestra proferida no Café Filosófico CPFL**; exibido pela TV Cultura, 2004. Cultura Marcas. 55 min.

MORAES, Eliane R., LAPEIZ, Sandra M.. **O que é pornografia?** São Paulo. Abril Cultural. Brasiliense, 1985.

NETO, Raimundo. **Crítica: O corpo poético como caminho e deslocamento**. São Paulo Review, 2018. Disponível em <<http://saopauloreview.com.br/critica-o-corpo-poetico-como-caminho-e-deslocamento/>> Acesso em 29 de maio de 2019.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre. Não Editora, 2015.

SONTAG, Susan. **A imaginação pornográfica**. [1967]. In. A Vontade Radical – Estilos. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas e escrituras**. In; DEL PRIORI, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo. Contexto, 2013.

Recebido em: 27/09/2020 Aceito em: 29/10/2020